



A concepção de religião e o papel das instituições religiosas segundo Tolstói

Renato Kirchner¹

Caroline Amaral dos Santos²

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma reflexão em torno da obra *Minha religião*, de Liev Tolstói, pontuando a diferenciação que o autor faz entre a religião cristã e a postura das instituições religiosas perante os ensinamentos bíblicos. O escritor nasceu dentro da aristocracia russa e, desde muito jovem, frequentava ambientes considerados intelectuais. Alistou-se no exército russo ao lado de seu irmão, anos depois, porém, encontra aborrecimento nas armas e violências e dedica-se à sua escrita. Tolstói relata em sua obra que, desde jovem, foi frequentador de igrejas e leitor do Evangelho, sendo atraído para dentro da doutrina do cristianismo pelas premissas de amor e altruísmo. Desiludido com o sentimento de que há algo errado na maneira como a Igreja trata e compreende o Evangelho, o escritor propõe uma reinterpretação de conceitos basilares da doutrina cristã, buscando um viés mais puro de compreensão e, ao mesmo tempo, evidenciando a distinção entre a Igreja enquanto instituição e a doutrina cristã, de fato, enquanto possibilidade existencial de vida.

Palavras-chave: Evangelho; doutrina cristã; religião; instituições religiosas; não resistência ao mal.

The conception of religion and the role of religious institutions according to Tolstoy

Abstract: The present work aims to present a reflection on the work *My Religion*, by Leo Tolstoy, highlighting the distinction that the author makes between the Christian religion and the stance of religious institutions towards biblical teachings. The writer was born into the Russian aristocracy and, from a young age, frequented environments considered intellectual. He enlisted in the Russian army alongside his brother, years later, however, he found weapons and violence boring and dedicated himself to his writing. Tolstoy reports in his work that, since he was young, he was a churchgoer and reader of the Gospel, being attracted to the doctrine of Christianity by the premises of love and altruism. Disillusioned with the feeling that there is something wrong in the way the Church treats and understands the Gospel, the writer proposes a reinterpretation of basic concepts of Christian doctrine, seeking a purer bias of understanding and, at the same time, highlighting the distinction between Church as an institution and Christian doctrine, in fact, as an existential possibility of life.

Keywords: Gospel; christian doctrine; religion; religious institutions; nonresistance to evil.

La concepción de religión y el papel de las instituciones religiosas según Tolstoi

Resumen: El presente trabajo tiene como objetivo presentar una reflexión sobre la obra *Mi religión*, de León Tolstoi, destacando la distinción que el autor hace entre la religión cristiana y la postura de las instituciones religiosas hacia las enseñanzas bíblicas. El escritor nació en el seno de la aristocracia rusa y, desde joven, frecuentó ambientes

¹ Doutor e Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Graduado em Filosofia pela Universidade São Francisco (USF). Diretor da Faculdade de Filosofia, membro do corpo docente permanente da Faculdade de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, professor e pesquisador da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). E-mail: renatokirchner00@gmail.com.

² Graduanda em Filosofia (PUC-Campinas). Participante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), financiado pela CAPES. E-mail: santosamaralcaroline1@gmail.com.

considerados intelectuales. Se alistó en el ejército ruso junto a su hermano, años después, sin embargo, las armas y la violencia le aburrían y se dedicó a escribir. Tolstói relata en su obra que, desde joven, fue frecuentador de la iglesia y lector del Evangelio, siendo atraído por la doctrina del cristianismo por las premisas del amor y el altruismo. Desilusionado por la sensación de que algo anda mal en la forma en que la Iglesia trata y entiende el Evangelio, el escritor propone una reinterpretación de conceptos básicos de la doctrina cristiana, buscando un sesgo de comprensión más puro y, al mismo tiempo, resaltando la distinción entre Iglesia y como institución y doctrina cristiana, de hecho, como posibilidad existencial de vida.

Palabras clave: Evangelio; doctrina cristiana; religión; instituciones religiosas; no resistencia al mal.

1 Introdução

Leon Tolstói ou Liev Nikoláievitch Tolstói nasceu na propriedade rural de Iásnaia Poliana, nos arredores de Tula, Rússia, no dia 9 de setembro de 1828. Em 1843, iniciou o curso de letras e direito na Universidade de Kazan. Depois de formado, passou um período em Moscou e, em 1851, alistou-se e foi enviado para trabalhos militares na região do Cáucaso. Seu primeiro livro, *Infância*, foi publicado em 1852 e alcançou grande êxito. Contudo, ainda na mesma década, ele abandona a carreira militar para viver em sua propriedade rural e dedicar-se à literatura.

Em 1865, começou a escrever *Guerra e paz*, obra em que aborda as guerras napoleônicas e traça um quadro da sociedade russa do início do século XIX. Com o passar dos anos, porém, seu interesse voltou-se para a religião. Depois da publicação do romance *Ressurreição*, em 1899, Tolstói foi excomungado pela Igreja Ortodoxa russa. O escritor considerava irracionais alguns dos conceitos mais caros àquela Igreja. Faleceu aos 82 anos, de pneumonia, na estação ferroviária de Astapovo, na província de Riaz, Rússia, no dia 20 de novembro de 1910.

Entretanto, convém ter presente que, já no ano de 1879, quando Tolstói tinha seus 51 anos de idade, estando casado com uma esposa dedicada, tendo filhos saudáveis e desfrutando o padrão de conforto próprio da elite russa da época e, não havendo motivo algum para se preocupar com as condições da vida familiar, advieram-lhe insistentes ideias de suicídio, sendo portanto atormentado profundamente sobre o sentido da vida e da morte. A fim de mitigar as razões que o impeliam ao suicídio, foi levado a escrever uma narrativa a partir dessa mesma crise de sentido e busca por alguma resposta satisfatória. O resultado disso é conhecido hoje em dia pelo escrito intitulado *Uma confissão* (Tolstói, 2017). Neste escrito, Tolstói inicia assim:

Fui batizado e criado na fé cristã ortodoxa. Foi o que me ensinaram desde a infância e durante toda a adolescência e juventude. Mas, aos dezoito anos, quando abandonei o segundo período da universidade, já não acreditava em mais nada do que me haviam ensinado.

A julgar por certas lembranças, nunca acreditei a sério, apenas confiava no que me ensinavam e no que os adultos professavam, à minha frente; mas essa fé era muito vacilante.

Lembro que, quando eu tinha onze anos, um aluno do ginásio, um menino chamado Volodinka M., que morreu já faz muito tempo, veio à nossa casa no domingo e, como se fosse uma grande novidade, nos comunicou uma descoberta feita no colégio. A descoberta consistia em que Deus não existe e que tudo o que nos ensinavam não passava de invenções (o ano era 1838) (Tolstói, 2017, p. 15-16).

No livro *Minha religião*, cuja introdução vem datada pelo próprio autor – o ano era então 1884 (Tolstói, 2011, p. 19) –, ou seja, cerca de cinco anos após a narrativa de *Uma confissão*, Tolstói relata que fora introduzido na Igreja Ortodoxa e desde muito jovem fora leitor do Evangelho, sendo a premissa de amor e altruísmo o fator que o atraía para dentro do cristianismo. Falando sobre sua vivência na Igreja Ortodoxa, porém, Tolstói mostra-se desapontado:

Eu sentia que algo estava errado; mas não conseguia ver onde estava o erro porque a doutrina da Igreja não negava o que me parecia essencial na doutrina de Jesus; esse essencial era plenamente reconhecido, embora de modo a não dar a ele o primeiro lugar. Eu não podia acusar a Igreja de negar a essência da doutrina de Jesus, mas ela a reconhecia de um modo que não me deixava satisfeito. A Igreja não me dava o que eu esperava dela (Tolstói, 2011, p. 25).

No texto assinado por Huntington Smith, em forma de prefácio, há o reconhecimento de que, embora a interpretação da doutrina cristã do literato russo não fosse totalmente nova, porém, segundo sua abordagem, é possível que, do ponto de vista da verdade essencial da doutrina cristã não deixa de ser profundamente instigante e original, conforme podemos ler:

A rigor, esta interpretação não é nova, mas nunca antes tinha sido realizada com tanto zelo, tanta determinação, tanta sinceridade e, dadas as mesmas premissas, com lógica tão irresponsável, como nesta bela profissão de fé. [...] Lemos e somos tomados por uma emoção divina; mas quem de nós está disposto a aceitar a verdade apresentada aqui como o verdadeiro segredo da vida? (Tolstói, 2011, p. 12).

2 O “Sermão da Montanha” e a primeira chave semântica

Nos capítulos iniciais de *Minha religião*, desiludido com o sentimento de que havia algo de errado na maneira como a Igreja tratava e interpretava o Evangelho, o autor encontra uma chave de leitura a partir da fala de Jesus “não resistam ao mal”, à qual Tolstói se refere dizendo que se sentiu cego em relação a esta passagem por muito tempo, tal como possivelmente acontece a muitos cristãos. Num primeiro momento, pode haver a interpretação equivocada de que Jesus pede muito daquele que o escuta, mas o caminho traçado pelo autor é outro na verdade, pois se trata de fazer o bem ainda que a intenção do outro seja a de prejudicar-te (Tolstói, 2011, p. 29-31; Tolstói, 1994).

Do ponto de vista de uma compreensão mais original do Evangelho, poder-se-ia dizer que se tratava de oferecer aos outros e a nós mesmos tudo aquilo que é bom. Com efeito, Jesus traz como seu maior ensinamento a bondade, a renegação da violência e crueldade, isto é, a simplicidade do ensinamento é o amor. Porém, tanto ateus quanto cristãos, muitas vezes, se negam a aderir à interpretação que seria o mais puramente próximo do ensinamento divino e também mais razoável, não para as instituições, mas para o povo e pelo povo. A imposição do desejo humano de superioridade, vingança e controle sobre os demais cega-nos para a interpretação mais pura e direta do Evangelho.

Não somente neste sermão, ou seja, no assim chamado “Sermão da Montanha”, mas em outras passagens bíblicas, Jesus busca reforçar a mensagem “não resistam ao mal” e, além de reforçá-lo, prega ainda que aquele que não for capaz de seguir à risca o mandamento, despiendo-se das vantagens mundanas e quem não tiver a força e a coragem para carregar a mesma cruz que ele, não poderá segui-lo:

No Sermão da Montanha, assim como em muitos outros lugares, Jesus mostra a seus discípulos, aqueles que observam o mandamento de não resistir ao mal, como virar a outra face, entregar o manto, suportar perseguições, maus-tratos e insultos, e pobreza. Em toda parte, Jesus diz que aquele que não tomar sua cruz, aquele que não renunciar às vantagens mundanas, aquele que não estiver pronto a suportar todas as consequências de seu mandamento: “Não resistam ao mal”, não pode se tornar seu discípulo (Tolstói, 2011, p. 30).

Assim, aquele que acolhe a palavra de Jesus poderia enfrentar todas as adversidades possíveis: perseguição, maltrato, pobreza e, talvez, até a morte, tudo isso em troca de dar a outra face, tal qual Jesus em pessoa nos ensinara.

3 Julgamentos, maledicência e erros de tradução

A interpretação equivocada do Evangelho – de acordo com Tolstói – é um dos principais problemas da construção da doutrina cristã. O mal entendimento da mensagem divina serviria apenas para fomentar aquilo que na verdade é utilizado como base para alimentar apenas o ego e atitudes humanas que nada dizem sobre o Evangelho. Menciona-se também no texto de *Minha religião*, por diversas vezes, o fato de as leis dos homens não serem condizentes com a lei divina, como acontece, muitas vezes, nos tribunais, por exemplo. Quando é dito por Jesus “Não julguem, não condenem”, Tolstói interpreta não só apenas como evitar o julgamento de maledicência contra o próximo, mas também se refere a julgamentos literais. Segundo o autor, o verdadeiro cristão não deve omitir-se perante a justiça, mas deveria abster-se de julgar em tribunais, pois não faz parte do cristão usar de condenações mundanas para com seus semelhantes. Nesse sentido, numa passagem importante do livro podemos ler:

Ninguém é tão obscuro que não seja obrigado a escolher entre servir a Deus e servir o Estado. Minha própria existência, emaranhada com a do Estado e com a existência social organizada pelo Estado, exige de mim uma atividade anticristã diretamente contrária aos mandamentos de Jesus (Tolstói, 2011, p. 43).

Com base em seus próprios estudos das línguas faladas no tempo de Jesus, Tolstói discorre que, na realidade, a interpretação bíblica, que tende a evitar a maledicência, pode-se provar como um erro de tradução:

Consultando o dicionário, achei que a palavra κρίνω [*krino*] tinha vários significados diferentes e, entre os mais usados, estava “condenar em uma corte de justiça” e mesmo “condenar à morte”, mas em nenhum caso ela significava “falar mal”. Consultei um dicionário de grego do Novo Testamento e descobri que ela era usada no sentido de “condenar em uma corte de justiça”, algumas vezes no sentido de “escolher”, nunca com o sentido de “falar mal”. Daqui inferi que a palavra κρίνω poderia ser traduzida de diferentes maneiras, mas que a tradução “falar mal” era a mais forçada e artificial (Tolstói, 2011, p. 53-54).

Assim, é possível facilmente inferir que os maneirismos estruturais da sociedade, alimentando-se constantemente do sofrimento alheio, não é somente contra a natureza humana, mas também contra a natureza espiritual de nosso ser. O uso socialmente internalizado da violência foi lentamente sendo escondido e incorporado dentro dos valores cristãos, ensinando a defesa violenta e, muitas vezes, até mesmo a vingança, seja para uso da defesa de si mesmo ou de sua família, por exemplo.

4 O papel das instituições religiosas e a doutrina cristã

Em *Minha religião*, Tolstói questiona o papel das instituições religiosas na sociedade, argumentando que muitas delas se afastaram dos ensinamentos originais do cristianismo e se tornaram meros instrumentos de poder e opressão. Para Tolstói, as instituições religiosas frequentemente restringem a liberdade individual e desviam a atenção da busca interior pela verdade religiosa, entendendo que as instituições religiosas têm muito mais interesse em sua estrutura e manutenção de poder do que em propriamente professar a palavra de Cristo.

O autor de *Minha religião* defende então uma religião baseada na consciência individual e na prática ética, enfatizando a importância de uma conexão direta com Deus e a responsabilidade pessoal na busca da verdade, salientando que a verdadeira religião implica em viver de acordo com a consciência moral, prezando pela busca de verdades interiores (Tolstói, 1994, p. 181-182). Através de suas próprias traduções e interpretações do Evangelho, o autor desafia as estruturas hierárquicas e os dogmas estabelecidos, propondo uma religião mais autêntica e comprometida com os princípios morais e espirituais. Isso **se torna** mais evidente nesta passagem do livro:

Do modo como a Igreja explica isso, a doutrina de Jesus não se apresenta aos homens do mundo e aos habitantes dos mosteiros como uma regra de vida para melhorar a própria condição e a condição dos outros, e sim como uma doutrina que ensina ao homem do mundo a viver uma vida degradante e, ao mesmo tempo, conquistar para si mesmo uma outra vida; e, ao monge, como tornar a existência ainda mais difícil do que ela já é naturalmente. Mas não foi isso que Jesus pregou. Jesus nos mostrou a verdade e, se a verdade metafísica for a verdade, vai continuar sendo verdade na prática. Se a vida em Deus for a única vida verdadeira, e se for boa por si mesma, será boa neste mundo, aconteça o que acontecer. Se, neste mundo, uma vida de acordo com a doutrina de Jesus não for boa, sua doutrina não pode ser legítima (Tolstói, 2011, p. 185-186).

Assim, pode-se deduzir facilmente que, acreditar na doutrina de Jesus torna-se, por fim, a verdadeira religião (Tolstói, 2011; Tolstói, 1994). A crença em tudo aquilo que é bom, belo e fraterno, é, por si só, aquilo que Cristo nos ensinou, tornando dispensável a instituição que usa de poderes e coação para manter seus fiéis, que se utiliza, muitas vezes, do equívoco da palavra para controlar os mais fracos e que pensa mais em sua própria estrutura do que naqueles que estão sob ela ou nela. Ou seja, as próprias palavras são repletas de graça e verdade, muitas vezes desconhecidas pelos homens e que nem sequer têm consciência de que as desconhecem. Enfim, aquilo que fornece amor e amizade entre os homens é natural deles. Deve-se estar atento, portanto, para poder propagar esta

mensagem de coração aberto para recebê-la de mente aberta, a fim de entendê-la e vivê-la em sua verdade, ou seja, Tolstói afirma que não é difícil seguir a doutrina de Jesus, quando se crê nela plena e profundamente:

A doutrina de Jesus vai instituir o reino de Deus na Terra. A prática de sua doutrina não é difícil; além de não ser difícil, sua prática é uma expressão natural da crença de todos que reconhecem sua verdade. A doutrina de Jesus oferece a única oportunidade possível de salvação para aqueles que querem escapar da perdição que ameaça a vida pessoal. Além de livrar os homens das privações e sofrimentos desta vida, praticar essa doutrina vai acabar com nove décimos do sofrimento suportado em nome da doutrina do mundo (Tolstói, 2011, p. 211).

5 Os desafios de uma vida cristã

Vê-se, então, que Tolstói apresenta uma posição que pode ser considerada até mesmo bastante controversa, quando se trata ou se fala de fé. O autor aponta que, na verdade, muitos dentro da Igreja se enganam, tentando forçar-se a crer que aquilo que vivenciam não é, de fato, a verdade. Sendo assim, chamam isso de fé e têm convicção nela e, assim, desejam ainda que toda a sociedade, dentro e fora da Igreja, tenha consigo a mesma posição, ou seja, a necessidade de uma afirmação externa que move o indivíduo em direção a uma fé falaciosa, contrariando a lógica e o bom senso. Para o autor aqui em pauta, “tal é a argumentação rigorosamente lógica da teologia cristã. Em si, essa doutrina parece inocente. Mas os desvios da verdade nunca são inofensivos e o peso de suas consequências está em proporção direta à importância do assunto ao qual esses erros são aplicados” (Tolstói, 2011, p. 128).

Nessa perspectiva, então, o homem, em seu ego e insignificância, não tem de maneira alguma o desejo de encontrar-se com a verdade, apesar de não ser capaz de viver sem sua presença. Existe ainda uma forte crítica à postura da Igreja quanto à retirada de seus fiéis do mundo, de forma que, aquele que deseja em seu coração segui-la, deve se ausentar de todo e qualquer projeto mundano, deve afastar-se das tentações e evitá-las:

Jesus nos aconselhou a viver em busca do bem e a tomar cuidado com as armadilhas e tentações (σκάνδαλον) [*skandalon*] que, aos nos seduzir com a aparência do bem, arrastam-nos para longe do verdadeiro bem e nos levam para o mal. Ele nos ensinou que nosso bem-estar deve ser buscado na amizade com todos os homens; que o mal é não ter amizade com o filho do homem e que não devemos nos privar da felicidade que podemos sentir ao seguir a sua doutrina.

[...]

Em seus mandamentos, Jesus enumerou clara e inconfundivelmente as tentações que interferem com essa condição natural de amor e amizade e a tornam uma

presa do mal. Os mandamentos de Jesus oferecem os remédios pelos quais posso me salvar das tentações que me têm privado da felicidade; e isso me levou a acreditar que esses mandamentos são verdadeiros. A felicidade estava ao meu alcance e a destruí. Com seus mandamentos, Jesus me mostrou as tentações que levam à destruição da felicidade. Não posso mais trabalhar pela destruição de minha felicidade e, nesta determinação, e apenas nela, está a substância da minha religião (Tolstói, 2011, p. 242).

Num outro momento, usando-se do exemplo do profeta Jonas do Antigo Testamento, Tolstói constrói uma argumentação de que aquele que deseja viver na palavra e transmiti-la, deve estar entre os demais, deve viver com eles em comunhão, pois o cristão toma de exemplo a vida de Jesus, isto é, aquele que espalhou sua doutrina e amou ao próximo de maneira indiscriminada. Nesse sentido, numa das passagens do livro *Minha religião*, podemos ler:

A história encantadora e significativa do profeta Jonas, que Jesus tanto gostava de citar, foi escrita tendo em vista este mesmo erro. O profeta Jonas, desejando permanecer justo e virtuoso, afasta-se da companhia perversa dos homens. Porém, Deus mostra a ele que, como profeta, ele precisa comunicar a homens desencaminhados um conhecimento da verdade e, por isso, ele não deve fugir dos homens, e sim viver em comunhão com eles (Tolstói, 2011, p. 184).

6 Considerações Finais

Adiante do tema discorrido, podemos concluir que Tolstói tinha uma visão crítica em relação ao papel das religiões e instituições religiosas em sua época. Para ele, a verdadeira essência do cristianismo não estava em doutrinas, rituais ou instituições, mas sim na vivência e na prática dos ensinamentos de Jesus Cristo. Tolstói enfatiza a importância de uma religião interior, baseada na busca pela verdade e no amor ao próximo. Ele questiona a validade das estruturas institucionais que, muitas vezes, distorcem os princípios fundamentais do cristianismo, tornando-se instrumentos de poder e opressão. Tolstói destaca a necessidade de uma mudança radical de vida, abandonando a violência, o ódio e a vingança, e buscando a paz, a compaixão e o perdão.

De fato, segundo Tolstói, a “verdadeira religião” não exige o cumprimento de cerimônias e rituais, mas a prática do amor, da abnegação, da justiça e da verdade:

A verdadeira religião consiste em acabar com a inimizade entre os homens. Devemos nos reconciliar sem demora, não devemos perder aquela paz interna que é a verdadeira vida (Mateus 5,22-24). Tudo está compreendido neste mandamento; mas Jesus sabia das tentações mundanas que impedem a paz entre os homens (Tolstói, 2011, p. 118).

Numa outra passagem do livro *Minha religião* ele escreve: “A doutrina de Jesus é a luz. A luz brilha e a escuridão não pode escondê-la. Os homens não podem negá-la, os homens não podem se recusar a aceitar sua orientação” (Tolstói, 2011, p. 234). Há um apelo, portanto, para aqueles que optam por seguir a doutrina de Cristo e que estejam preparados para o fardo de ser tal como Cristo, isto é, está em jogo ser cientes das adversidades presentes nesta jornada da vida, tendo de abrir mão de vantagens mundanas e dedicando sua vida de forma amorosa e humilde completamente ao próximo, estando disposto a jamais retribuir violência ou maldade a qualquer pessoa, nem mesmo em defesa própria ou de terceiros, pois a verdadeira fundamentação do Evangelho se dá pelo bem e pela misericórdia.

Para finalizar, devemos considerar, portanto, que, embora a obra *Minha religião* tenha sido escrita no final do século XIX, permanece muitíssimo atual ao retratar em muitas de suas passagens uma sociedade hostil, corrupta, violenta e materialista, onde as pessoas muitas vezes sacrificam suas famílias e amizades – e mesmo sua qualidade de vida – por objetivos fúteis, vivendo desnorteadas e sem referências para realizar seus atos. Pior ainda: não assumem sua responsabilidade por esta situação toda e, assim, ainda acabam jogando a culpa nos outros ou até mesmo nas instituições.

Referências

TOLSTÓI, L. **Minha religião**. Organização e tradução de Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: A Girafa, 2011.

TOLSTÓI, L. **Uma confissão**. Tradução e apresentação de Rubens Figueiredo. São Paulo: Mundo Cristão, 2017.

TOLSTÓI, L. **O reino de Deus está entre vós**. Tradução de Celina Portocarrero e apresentação de Fr. Clodovis Boff. 2. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.